



Lá em cima - Erik Weihenmayer escalou cinco dos Sete Cumes do Mundo, os picos mais altos de cada continente.



OUTUBRO 2002

Resolução cega

Ele estava determinado a escalar o Monte Everest – mesmo que não o pudesse ver

Por **KARL TARO GREENFELD**
Da *TIME*

NAQUELA TARDE, quando Erik Weihenmayer chegou, o guia da expedição, Pasquale Scaturro, começou a ter dúvidas. Mal haviam iniciado a escalada ao Monte Everest e Erik – a razão da viagem – entrou cambaleando no Acampamento 1, ensangüentado, enjoado e desidratado. “Ele estava literalmente verde”, conta o companheiro Michael O’Donnell. “Parecia alguém que acabara de levar uma surra.” A “surra”, na

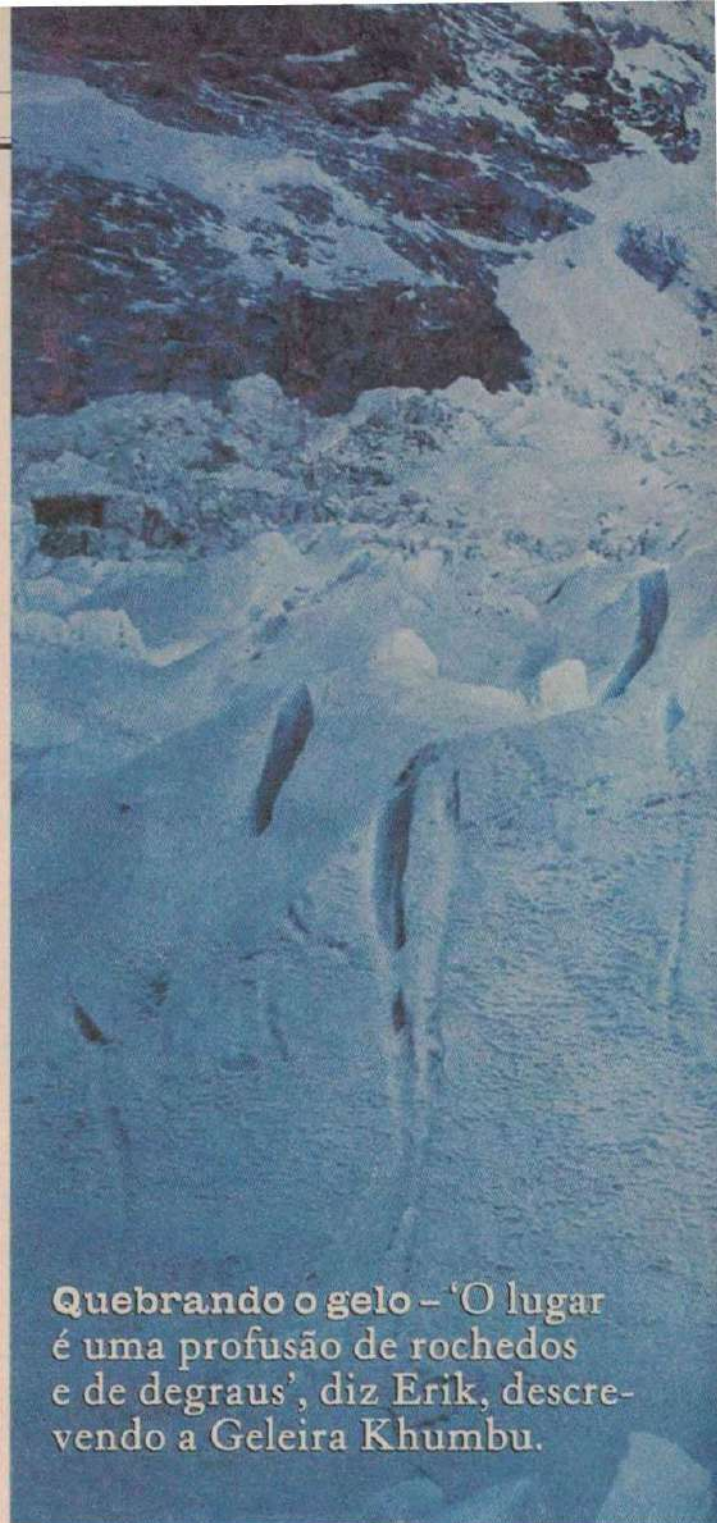
verdade, fora um acidente. Erik havia pisado em uma fenda e, quando um companheiro se inclinou para ajudá-lo, seu bastão de escalada lhe arranhou o rosto do nariz ao queixo.

Agora, enquanto Erik descansava exausto em sua barraca, os outros membros da equipe conversavam, preocupados. Ele havia levado 13 horas – e não as sete programadas – do Acampamento Base, atravessando a Geleira Khumbu, até o Acampamento 1, a cerca de 6 mil metros de altitude.

Talvez esta não tenha sido uma boa idéia, pensou Scaturro. Dois anos de planejamento, um documentário, e esse sujeito cego mal consegue chegar ao Acampamento 1?

O SUJEITO cego? Erik Weihenmayer, 33 anos, não era apenas mais um jovem executivo trilheiro que perdera algumas batalhas para a montanha. Cego desde os 13 anos, vítima de uma rara doença hereditária da retina, começou a escalar aos 20 e poucos anos. Seu livro *Touch the top of the world* (Toque o topo do mundo) descreve suas escaladas a três dos Sete Cumes do Mundo – os mais altos picos de cada continente.

No entanto, em abril de 2001, Erik começou a questionar pela primeira vez se a tentativa de ser o primeiro cego a vencer o Monte Everest não seria um erro colossal, um ato de arrogância pelo qual seria pu-



Quebrando o gelo – ‘O lugar é uma profusão de rochedos e de degraus’, diz Erik, descrevendo a Geleira Khumbu.

nido. O Everest engole os despreparados e desafortunados: a maioria dos alpinistas não consegue chegar ao cume. Muitos – no mínimo 165, desde 1922 – jamais retornam, e seus corpos com frequência jazem no mesmo local onde caíram.

Erik estava tão preocupado que especulava sobre as formas como poderia morrer: cair em uma fenda ou ser atingido por uma avalanche.



Mais ao alto, poderia ter um edema cerebral ou se desorientar em consequência da privação de oxigênio e dar um cochilo “para sempre” na neve.

Talvez um cego não devesse estar aqui, pensou. Talvez não devesse estar vagando por uma região gelada, medindo a largura de uma fenda de 60 metros de profundidade com os bastões de escalada e então saltando sobre ela, rumo ao desconhecido.

Os cegos precisam de padrões: degraus têm a mesma altura; quarteirões, praticamente o mesmo comprimento; meios-fios, a mesma altura. Na Geleira Khumbu, porém, a paisagem da trilha na geleira himalaica é aleatória, uma seqüência de obstáculos diabolicamente cruel para um cego.

Às vezes, em casa, Erik é abordado por homens de meia-idade que dizem: “Nem eu faria algo assim”, na

presunção de que a visão supera todas as outras qualidades e sentidos combinados. Erik resiste ao impulso de responder: “Você está gordo, fora de forma e fuma. Por que pensaria em fazer algo assim? Só porque consegue enxergar?”

Mas até mesmo as qualificações de Erik estavam sendo colocadas à prova nessa montanha. Uma típica investida ao Everest exige que cada escalador complete até dez travessias entre o Acampamento Base e o Acampamento 1 pela cascata de gelo, não só para se aclimatar como para ajudar a carregar a imensa quantidade de equipamentos necessários à subida. O restante da equipe de 13 participantes da Federação Americana dos Cegos sugeriu que ele permanecesse no Acampamento 1, enquanto eles e os xerpas fariam a parte dele no transporte.

“Nem pensar”, reagiu Erik. Ele não “iria ser carregado até o topo”.

ERIK FOI criado com dois irmãos em Hong Kong e depois em Weston, Connecticut. Assim que aprendeu a falar, soube que perderia a visão no início da adolescência. Quando ficou realmente cego, recusou-se a princípio a usar bengala ou a aprender braile, insistindo que daria um jeito para conseguir conviver com os demais como uma pessoa normal. Tinha medo de parecer “um aleijado”. Mas, depois de alguns tropeços constrangedores — nem mesmo conseguia encontrar o

banheiro da escola —, reconheceu que precisava de ajuda.

Para Erik, o segredo era a aceitação: não lutar contra sua deficiência, e sim aprender a conviver com ela; não transcendê-la, mas entender o que era capaz de alcançar dentro de seus limites; não fingir que era dotado de visão, mas construir sistemas que lhe permitissem destacar-se sem ela.

Atleta talentoso, Erik sabia que nunca mais jogaria basquete nem futebol. Foi então que descobriu a luta livre, um esporte em que a sensação e o toque importavam mais do que a visão. No fim do secundário, chegou a participar do Campeonato Juvenil Nacional de Luta Livre.

A luta livre também lhe deu confiança para reingressar no clima de competitividade social da adolescência. Ele e os amigos inventaram um aperto de mão secreto para avisar Erik quando uma garota era bonita. “O fato de você ser cego não o torna mais altruísta nem mais profundo”, comenta ele, rindo.

Quando estava com uns 15 anos, foi percorrer uma trilha difícil com o pai. Tentando encontrar o caminho pela mata com a ajuda de uma bengala branca, sentiu-se frustrado, enroscando os pés nas raízes e batendo em galhos e troncos. Quando, porém, experimentou a escalada em rocha, aos 16 anos, e depois o montanhismo, apaixonou-se por esses esportes.

Erik escalava rochas como uma aranha subindo pela parede. Suas mãos acumulavam informações, enquanto tateavam, investigando as ex-

tremidades da rocha, e em seguida rachaduras, ranhuras, reentrâncias e protuberâncias. Tudo era transformado em um mapa mental. Tornou-se bastante habilidoso e foi guia de grupos em certos trechos no Parque Nacional Yosemite.

Em 1997, Erik, já formado, conheceu Ellie Reeve, professora da escola na qual ele dava aulas para a 4ª série do ensino fundamental, no Arizona. Essa mulher, que, segundo Erik, “tem a voz mais bonita do mundo”, disse-lhe um dia: “Meu sonho é ter uma vida que seja extraordinária, ja-

bom relacionamento e, em alguns meses, montaram uma equipe. Erik não temia os perigos físicos, mas sim a forma como o mundo o encararia se não chegasse ao cume; não queria decepcionar os cegos. “Mas sabia que me sentiria melhor fracassando do que se não tentasse”, revela. “Precisava ir e descobrir meus limites.”

NO FIM, ESCALAR o Monte Everest com Erik acabou não sendo muito diferente de escalá-lo com um montanhista com visão. Um companheiro de equipe prendeu um sino ao seu

Muitos nem se aproximavam da equipe de Erik, temendo ter de carregá-lo.

mais comum.” Pouco depois de pronunciar essas palavras, ela se viu escalando o Monte Kilimanjaro, na África, em meio aos gritos dos macacos, até um platô de 3.600 metros de altitude, onde ela e Erik se casaram.

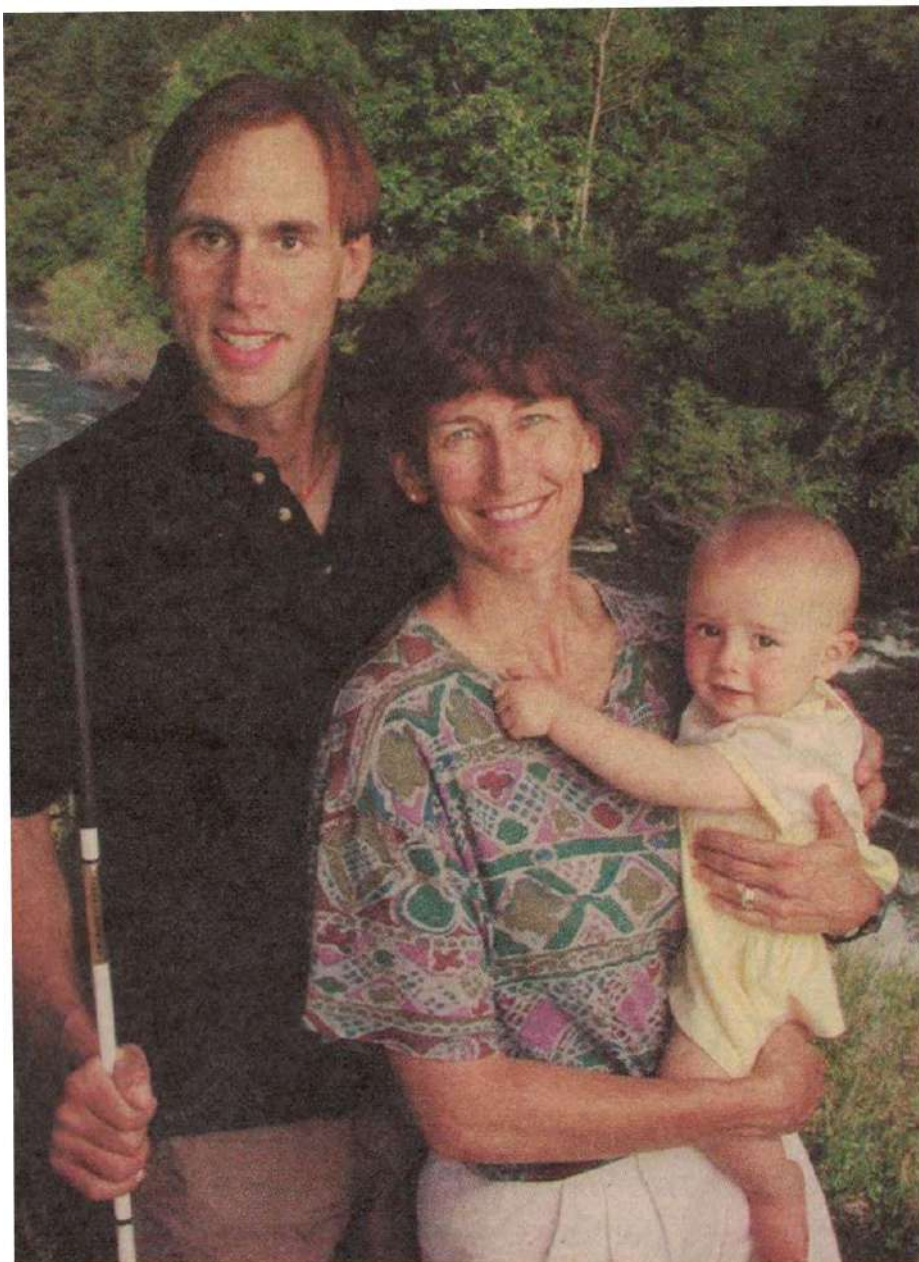
Mesmo sendo excelente alpinista – já tendo escalado não apenas o Kilimanjaro como também o Denali, no Alasca, e o Aconcágua, na Argentina –, Erik considerava o Everest intransponível.

ENTÃO, POR ACASO, conheceu Pasquale Scaturro em uma feira de artigos esportivos em Salt Lake City, Utah. Era janeiro de 1999 e Scaturro, um geofísico, já havia escalado o Everest. “Quer tentar?”, perguntou ele a Erik.

Logo os dois desenvolveram um

equipamento e Erik seguia o som, caminhando rápido com o auxílio de bastões de escalada feitos sob medida. Para ajudá-lo, seus parceiros gritavam informações como: “Queda mortal 60 centímetros à sua direita!”, “Fenda grande à esquerda!” Erik era tão rápido que um de seus parceiros exibe cicatrizes provocadas pelos bastões, que o espetavam quando ele diminuía a marcha.

Mesmo assim, muitos profissionais nem chegavam perto da equipe de Erik, temendo que tivessem de carregá-lo montanha abaixo. “Todos diziam que seria um desastre”, conta Charley Mace, da equipe de filmagem. Outro alpinista planejava ficar por perto, vangloriando-se, segundo contam, de que “faria a primeira foto do cego morto”.



© RAY NG

Vencendo barreiras – O nascimento de Emma, diz Erik (ao lado da mulher, Ellie), também foi um cume.

À medida que a equipe subia, a falta de oxigênio e outros fatores começaram a provocar estranhas reações em seus organismos. Os batimentos cardíacos aumentaram, a função cerebral diminuiu, o sangue se espessou, os intestinos enlouqueceram. Sabiam que péssimas idéias poderiam surgir sem explicação em suas mentes, sobretudo acima de 7.600 metros.

Por ironia, Erik tinha vantagens à medida que se aproximavam do topo. Por exemplo, todos os alpinistas usavam óculos para neve e máscaras

de oxigênio, restringindo tanto a visão que não conseguiam enxergar os próprios pés – situação à qual Erik estava habituado. Além do mais, a última arrancada para o cume começaria à noite, de modo que grande parte da escalada seria realizada em meio à escuridão, iluminada apenas por lanternas.

Em 24 de maio, quando iniciaram a subida final a partir do Acampamento 4 – local que ele descreve como o Inferno de Dante com gelo e vento –, já estavam na montanha havia dois meses. Tinham tentado chegar ao cume uma vez, mas o mau tempo os fizera retornar. A mais de 8.800 metros de altitude, no pico os ven-

tos podem ultrapassar os 160 km/h, e aquilo que do nível do mar parece uma nuvem algodoadada pode na verdade ser uma tempestade mortal.

Faltando apenas sete dias para o término da temporada de escalada, quase todos na expedição sabiam que se tratava da última oportunidade. Foi por isso que, no momento em que alcançaram os 8.200 metros de altitude, Erik e Chris Morris sentiram-se desapontados quando o céu se iluminou com raios e neve trazida por fortes ventanias.

Acabou-se, pensou Erik.

Quando o Acampamento Base informou pelo rádio que a tempestade estava passando, a equipe estava coberta de neve e gelo. Inspirados pela possível melhora do tempo, seus membros prosseguiram. Parecendo astronautas em uma espécie de lua ártica, os montanhistas se moviam devagar por causa do peso das enormes roupas acolchoadas, além das mochilas carregadas com cilindros de oxigênio, reguladores e óculos.

Com uma queda de mais de 3 mil metros em direção ao Tibete, de um lado, e de 2.100 metros em direção ao Nepal, do outro, o Cume Sul, a cerca de 8.700 metros de altitude, é o ponto de onde muitos escaladores retornam. A crista de cerca de 180 metros de comprimento que conduz ao Escalão Hillary consiste em gelo, neve e xistos fragmentados, e a única forma de atravessá-la é com passos curtos, escorando-se com uma picareta para gelo. Erik podia ouvir a rocha lascar e despencar no vazio.

Finalmente, ao chegarem ao Escalão Hillary, o paredão rochoso de 17 metros que é o último grande obstáculo antes do pico, o tempo clareou. Erik subiu no penhasco, caindo de barriga no topo. “Comemorei

com ânsias de vômito”, brinca. Depois, caminhou 40 minutos em um íngreme aclive de neve até chegar ao cume.

Em 25 de maio, Erik conquistou o pico mortal, provando estar entre os melhores montanhistas do mundo. Ao todo, 19 escaladores do grupo de Erik alcançaram o topo naquele dia – um recorde. Mas, com nuvens de tempestade se aproximando novamente, Erik só pôde ficar de pé dez minutos entre as dezenas de coloridas bandeiras budistas.

“Olhe à sua volta”, o companheiro de equipe Jeff Evans disse a Erik, enquanto saboreavam a sensação de estar no topo do mundo. “Por um instante apenas, olhe à sua volta.”

CHEGAR AO TOPO do Everest, afirma Erik, foi provavelmente a experiência mais fantástica de sua vida. Em seguida, porém, recorda um momento recente, quando passeava com a filha, Emma, um bebê ainda, carregando-a em um “canguru”. Estavam indo comprar pão, e Emma puxava sua mão, os dedinhos envolvendo seu indicador. Essa experiência também foi um cume que conquistei, diz ele. Existem cumes em toda parte. É só saber para onde olhar.

INFORMAÇÃO INOCENTE



Um dia o menino de 4 anos de quem tomo conta me disse que ia ter uma irmãzinha. Perguntei para quando seria o bebê.

– Papai falou que assim que eu passar a dormir na minha cama – foi a resposta inocente.

–HILLARY GEORGE, EUA